

A CAIXA DE JÓIAS

Faith Andrews Bedford
NA REVISTA COUNTRY LIVING

Celebramos hoje nosso aniversário de casamento, e meu marido me convidou para sair. Dei uma olhada no armário e escolhi um vestido de veludo verde-escuro, com mangas longas e gola alta. Ele fica maravilhoso com o colar de pérolas de minha mãe e os brincos pequenos, e de pérolas também, de minha avó.

Enquanto eu estava sentada à penteadeira, Eleanor, minha filha, sentou-se a meu lado. Ela adora me observar quando estou me arrumando para uma ocasião especial.

– Mãe – disse ela, olhando-me no espelho – posso escolher suas joias?

– É claro! – respondi.

Ela abriu a gaveta onde guardo minha caixa de joias e começou a examinar o conteúdo. Ali estão o colar de macarrão que ela me fez no jardim da infância e o broche que meu marido me deu quando ficamos noivos. Em uma caixinha, Eleanor encontra meu broche de escoteira e alguns distintivos.

Ela segura alguns pares de brinco e leva-os até o pequeno lóbulo de sua orelha, mas, a seguir, deixa-os de lado. Ela experimenta vários colares e balança a cabeça. Por fim, com um pequeno grito de alegria, agarra um par de brincos do Ceilão, longos e que se agitam ao menor movimento, enfeitados com pequenos cacos de espelho vistosos, obviamente um legado da década de 1970. Eu os usava com guizos e túnicas. Em outra caixa, ela encontra dois cordões de miçangas da mesma época. Ela enrola as miçangas em volta de meu pescoço e me entrega os brincos. Eu os coloco e balanço a cabeça. Os brincos reluzem. – Perfeito! – suspira ela com prazer. E, através da imagem refletida, rimos uma para a outra. À medida que Eleanor se vira rapidamente para sair do quarto e avisar o pai de que estou quase pronta, lembro-me do [empo em que tinha a idade dela e de como costumava observar, enlevada, minha mãe se arrumar para sair. Enquanto a via colocar o cordão francês, retorcido, pedia que me contasse a história de cada um de seus pertences. Em uma caixa aveludada repousava um lindo colar, de rubis-da-américa, e os brincos que combinavam com ele. Minha mãe me contou que eles eram de minha avó, que os usara na apresentação de Sarah Bernhardt em Boston. O colar de pérolas, um presente de casamento, fora dado pela madrinha de mamãe. Como eu, ela sempre usava o colar com os brincos de pérolas pequenos que sua avó deixara para ela. Eu herdei as duas joias. As coisas que mais me agradavam naquela gaveta eram os presentes que meu pai dera a ela. Em uma caixa aveludada, havia um colar de cristal, cujo brilho era como o dos diamantes de verdade, esplendoroso. Mamãe me contou que não eram diamantes, mas sempre achei que ela parecia uma princesa quando os usava. Quando papai viajou a negócios para o Arizona, ele trouxe para a mamãe um anel com urna turquesa, grande e quadrada, que se ajustou perfeitamente ao dedo anular de mamãe, mas, em mim, só cabia no polegar.

Quando ela completou 40 anos, ele a presenteou com brincos da Índia. O esmalte negro havia sido cortado para revelar as figuras de mulheres que dançavam, flexionadas em posições impossíveis, que eu e minha irmã tentávamos imitar, mas sem êxito.

Um Natal, quando eu tinha dez anos, economizei bastante dinheiro para comprar, em uma dessas lojas populares em que todos os artigos são vendidos pelo mesmo preço, um par de brincos de presente para a mamãe: dois sininhos vermelhos, de plástico, com as extremidades pulverizadas com purpurina prateada, pendurados em um pequeno arco. Mamãe usou aquele par de brincos o dia inteiro de Natal. Ela balançava a cabeça com frequência para mostrar que os sinos tilintavam de verdade.

Alguns dias depois, entrei no quarto dela em tempo de ajudá-la a fechar seu vestido de gala de tafetá preto-e-branco.

– Será que você poderia pegar os brincos para mim, minha querida? – pediu ela.

Abri a gaveta e separei as possíveis opções. O vestido dela era muito bonito, mas precisava de um pouco mais de cor. Com orgulho, peguei os pequenos sinos vermelhos de plástico.

– Combina perfeitamente! – disse-me ela, enquanto colocava os brincos.

Olhei para ela e pensei que ninguém poderia ser mais bonita do que ela.

A voz de meu marido me trouxe de volta desse devaneio.

– Já está pronta? – perguntou-me.

– Quase! – respondi, enquanto guardava o colar de mamãe e o par de brincos na caixa de joias.

Quando descí as escadas – as miçangas balançando e os brincos de latão refletindo a luz –, vi a face orgulhosa de Eleanor.

– Você está linda! – suspirou ela.

– Só porque você me ajudou! – respondi e lhe dei um beijo de boa noite. Quando eu voltar, ela já estará dormindo.